

País está no auge de uma fase de avanços

(Não Assinado)

Último retrato do Brasil antes da crise mundial, iniciada em setembro do ano passado, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2008 mostra o País no auge de uma fase de avanços iniciada em 2004. Houve recorde histórico na criação de empregos formais e continuidade na redução da desigualdade, no aumento da escolarização de jovens e na redução do trabalho infantil. Mas, a amostra também revela que caiu o ritmo do encurtamento de distâncias entre as faixas de renda, resistência da taxa de analfabetismo - que subiu no Sudeste - e, em alguns Estados, queda na proporção de crianças matriculadas na escola.

A sondagem, divulgada nesta 6ª feira (18) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também informa que, pela primeira vez, a soma de pardos e negros já é a maioria da população (50,6%), mas caiu tanto a parcela de brasileiros que se assumem como negros quanto a dos brancos. "A desigualdade continua caindo. A velocidade, como já era de se esperar, não se manteve no ritmo em que se encontrava. O que se observa é que o nível médio de renda de todos os grupos da população cresceu, e com queda da desigualdade", afirmou o presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes.

Na PNAD 2008, a taxa de desemprego de 7,1% registra a maior baixa desde 2001, o aumento do número de carteiras assinadas foi de 2,1 milhões, ou 7,1%, e há um grande aumento tanto da população economicamente ativa quanto da população ocupada - neste último caso, de 2,5 milhões, ou 2,8%. A renda média, por sua vez, prossegue no processo de ampliação iniciado em 2004, e a desigualdade cai pelo sexto ano consecutivo (e até pelo décimo, no caso da renda domiciliar), mas ainda não foi o suficiente para fazer o trabalhador brasileiro retornar ao patamar alcançado em 1998. Na renda do trabalho, há uma desaceleração no ritmo de crescimento e de queda da desigualdade, na comparação com 2007 e outros anos precedentes.

O economista Ricardo Paes de Barros, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), especialista em política social, ficou animado com os resultados. "A primeira impressão é de que só tem notícia boa: a desigualdade cai, a renda sobe, o desemprego cai, a participação no mercado de trabalho sobe; parece ser tudo o que todo mundo pediu a Deus, uma melhora generalizada na qual os pobres ganharam ainda mais que os outros", diz, ressaltando que ainda não analisou os dados de forma mais aprofundada.

Ex-presidente do IBGE, o economista Sérgio Besserman constata que o quadro traçado pela Pnad 2008 reflete "o pico de um ciclo que acabou com a crise". E pondera que o avanço econômico, puro e simples, não garante melhorias na desigualdade "Falta uma política estruturante de distribuição do conhecimento", comenta. Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta o fato de que a renda domiciliar (total e per capita), que é um indicador mais acurado do bem-estar dos pobres, manteve o ritmo de melhora, tanto de crescimento quanto de queda da desigualdade. Segundo os cálculos de Marcelo Neri, a pobreza caiu 12% em 2008, um pouco acima da queda média anual desde 2004, de 11%.

Na educação, a PNAD mostra o aumento de 97% para 97,5% na proporção de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos frequentando a escola, dado que se conjuga com a queda no trabalho infantil - de 2007 para 2008, quase 400 mil jovens de 5 a 17 anos deixaram de trabalhar. Nos dois casos, porém, os índices se mostraram com distorções e desigualdades.

Em seis Estados - Roraima, Santa Catarina, Pernambuco, Alagoas, Goiás e Rio Grande do Norte - houve redução na proporção de jovens matriculados na escola. E o trabalho dos mais jovens, com idades de 5 a 9 anos, passou de 1% para 0,9% de um ano para o outro. "Não caiu nada", criticou a professora Rosana Morgado, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A pesquisa também revela a continuidade do processo de envelhecimento da população brasileira, acelerado pela contínua queda da taxa de fecundidade, que saiu de 1,95 filhos por mulher em 2007 para 1,89 em 2008. A PNAD foi a campo em setembro do ano passado, mês do colapso do Lehman Brother, que deflagrou a turbulência mundial. Mas os 2,5 mil pesquisadores, que ouviram 391 mil pessoas em 150 mil domicílios, não captaram os efeitos da crise, que só começaram a ser sentidos na economia real em meados do último trimestre do ano passado.